

Formas de identificação/qualificação e de ação na construção do humor

Rafael Guimarães Nogueira^a

Margareth Andrade Morais^b

Luana Maria Siqueira Machado^c

Resumo

Objetiva-se descrever, em manchetes do jornal popular Meia Hora, efeitos de sentido gerados pela conexão entre formas referenciais e verbais. De um lado, os estudos da Linguística de Texto concebem a referenciação como o processo de interpretação e de (re)categorização da realidade. De outro lado, pesquisas em Linguística Funcional demonstram que, ao contrário dos verbos plenos – como “baleiar” –, há aqueles que se fundem a uma base nominal, formando verbos suporte – como “meter muito tiro” – ou expressões idiomáticas – como “largar o dedo”. Embora tais postulações teóricas tenham representado avanços na descrição dos fenômenos linguístico-textuais, pouco se tem discutido sobre a relação entre formas de identificação, de qualificação e de ação. Nesse sentido, sob a teoria da Análise Semi linguística do Discurso, este trabalho demonstrará como, em manchetes populares, expressões referenciais e perífrases verbo-nominais operam, conjuntamente, na construção de jogos de palavras e na caracterização dos objetos de discurso, consistindo em procedimentos linguísticos que podem suscitar o humor.

Palavras-chave: referenciação, perífrases verbo-nominais, humor, Semi linguística.

Recebido em: 30/06/2019.

Aceito em: 09/09/2019.

^a Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Doutorando na UFF. Bolsista da CAPES. E-mail: rafael.nogueira@ifrj.edu.br.

^b Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). E-mail: margareth.morais@ifrj.edu.br.

^c Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). E-mail: luana.machado@ifrj.edu.br.

Introdução

A Ciência constrói-se pelo e no diálogo. Dentre as mais expressivas contribuições teóricas fundantes de diferentes teorias acerca do texto, do discurso e mesmo do processo de ensino-aprendizagem, emergem, por exemplo, as postulações filosóficas de Bakhtin, as quais, ainda que tardiamente, apontaram diferentes possibilidades de interpretação dos fenômenos linguageiros. Tal constatação explicita-nos a necessidade de o discurso – um objeto de estudo significativamente complexo – ser analisado sob diferentes perspectivas.

Nesse sentido, o presente trabalho, ao tecer interfaces entre a Semiologia, a Linguística de Texto e a Linguística Funcional, propõe-se a analisar, em manchetes de capa do jornal carioca *Meia hora*, de que modo o processo de referenciação e as perífrases verbo-nominais podem criar diferentes efeitos de humor.

A Linguística Textual, ao privilegiar a relação intersubjetiva entre o mundo e a linguagem, pressupõe a língua como uma atividade social, histórica e cognitiva (KOCH, 2006). Paralelamente, a Linguística Funcional compreende a produção do sentido como “um processo de negociação entre locutor e interlocutor num contexto comunicativo que enfatiza a importância da integração de diferentes domínios na compreensão do fenômeno da linguagem” (VIEIRA, 2014, p. 111). Desse modo, não obstante a especificidade de seus objetos de análise e de suas metodologias, tais perspectivas teóricas convergem para investigação semiológica “do que fala a linguagem através do como fala a linguagem” (CHARAUDEAU, 2009, p. 20, grifo do autor), isto é, na exploração da relação forma-sentido, definida, sobremaneira, pela intencionalidade do enunciador. Assim, esta pesquisa interdisciplinar, baseando-se na sistematização do processo de semiótica do mundo (CHARAUDEAU, 2005), descreverá como estratégias de referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003) podem consistir em formas de *identificação* e de *qualificação*, articulando-se a formas de *ação* constituídas por perífrases verbo-nominais (VIEIRA, 2014).

O *corpus* constitui-se de três manchetes publicadas entre março e junho de 2019 no jornal popular *Meia hora*, cada uma referente a uma temática distinta: política, policial e esportiva.

Nessas manchetes, destacamos os mecanismos por meio dos quais a instância de produção midiática visa à construção do humor – concebido como um efeito de sentido visado pelo sujeito comunicante que, ao manipular recursos linguístico-textual-discursivos, intenta tornar cúmplice seu interlocutor. No entanto, como adverte Charaudeau (2011), o uso estratégico de categorias linguísticas não garante o efeito humorístico. Se o ato de humor resulta do jogo entre os sujeitos discursivos, seu estudo deve descrever, além dos procedimentos linguísticos, a situação de enunciação e a temática de que se trata, a fim de indicar os *possíveis* efeitos suscitados no sujeito interpretante.

Teoria semiolinguística: alguns pressupostos

A Semiolinguística do Discurso defende que a construção do sentido e sua configuração, nas línguas naturais, fazem-se por meio da relação forma-sentido. Segundo essa teoria, o sentido não acontece de forma antecipada, mas é construído pela ação linguageira do homem em situação de troca social, em um duplo processo de semiotização: a *transformação* (tornar um “Mundo a Significar” em um “Mundo Significado”) e a *transação* (fazer do “Mundo Significado” um objeto de troca entre parceiros do ato comunicativo), sendo esta responsável por orientar o propósito comunicativo e o sentido daquela (CHARAUDEAU, 2005) – como destacamos na análise da manchete a seguir:

Fig. 1: Manchete publicada em 03 de junho de 2019.



No tocante ao processo de *transformação*, observamos, no lide, a introdução de um elemento no universo textual a partir do substantivo “Time”, que faz referência à expressão “estrela

solitária” (Botafogo), presente no título. Após essa operação de *identificação*, a caracterização do objeto de discurso é ampliada em sua *qualificação* pela expressão “de Gordiola”: caracteriza-se e especifica-se o time pela referência a seu treinador, personificando o clube por meio de seus atributos táticos. Em seguida, é feita a indicação da *ação* praticada pelo time por meio da forma verbal “vence”, que faz referência ao termo “brilha”. Dessa forma, compreende-se que o referido clube saiu vitorioso da partida contra o Vasco da Gama, identificado e qualificado, ao mesmo tempo, como “lanterna”, ou seja, como o time que estava em último lugar no campeonato naquela ocasião. Ainda no lide, como forma de *causação*, sublinhamos a consequência da vitória do “time de Gordiola”: “aumenta a gordura antes da Copa América”, que, no jargão esportivo, significa ampliar as vantagens sobre os demais times.

No que se refere ao processo de *transação*, destacamos, em primeiro lugar, que, concernente à *alteridade*, o jornal afirma-se como popular e, ao mesmo tempo, projeta como público-alvo ideal leitores da classe C, D e E, interessados no andamento do campeonato de futebol – o que se evidencia pelo uso de expressões mais informais, como “lanterna”, “golaço” e “gordura”, as quais fazem parte do universo de referência desses falantes. Atrelado a isso, o jornal oferece aos leitores um fato da atualidade que julga ter *pertinência*: dentre os muitos acontecimentos do dia anterior à publicação, o periódico selecionou como principal manchete uma partida de futebol envolvendo grandes times do Rio de Janeiro. Paralelamente, visando à *influência*, o jogo de palavras presente no título (“estrela solitária” – “brilha” – “lanterna”) opera, metaforicamente, uma hierarquização entre os dois times, exaltando o esplendor do vitorioso Botafogo. Por fim, as informações presentes no lide atuam como forma de *regulação*: desfazem a ambiguidade referencial, garantindo a intercompreensão mínima do enunciado, e, ao mesmo tempo, por tratarem de um tema de provável interesse dos leitores, podem contribuir para a fidelização desse público.

Nesse jogo linguageiro de (re)significação do mundo, participam quatro sujeitos comunicacionais, de universos discursivos diferentes. No circuito externo, encontram-se os seres sociais, dotados de intenção comunicativa, os seres do FAZER: o *sujeito comunicante* (EUc) – no caso do jornal, a

instância de produção midiática (composta pelos diferentes profissionais do *Meia Hora*); e o *sujeito interpretante* (TU_i) – o leitor real/concreto do jornal. No circuito interno, participam os seres do discurso, os protagonistas, os seres do DIZER: o *sujeito enunciador* (E_{Ue}) – o enunciador dos fatos noticiados; e *sujeito destinatário* (TU_d) – o leitor ideal, uma imagem coletiva dos leitores desse periódico (CHARAUDEAU, 2009).

A atuação desses seres da linguagem no jogo discursivo, no entanto, não é completamente livre; ao contrário, é fundamentada por um *contrato de comunicação*, o qual viabiliza a troca entre os parceiros e reúne as condições necessárias para a realização do ato de linguagem (CHARAUDEAU, 2009). Nesse sentido, a situação comunicativa em que os textos se inserem e as características decorrentes dessa situação são por ele orientadas. Como qualquer contrato comunicativo, há, além de restrições, um “espaço de manobras”, que pode ser utilizado pelo sujeito enunciador para atingir sua finalidade comunicativa.

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de *estratégias discursivas*. (CHARAUDEAU, 2006, p. 39, grifo do autor)

Logo, se uma das finalidades da manchete é a captação, verificamos que, naquela destacada acima, para os leitores-alvo em questão, apenas “informar” que um time ganhou de outro por uma diferença específica de gols dificilmente lhes despertaria o interesse. Segundo a imagem construída pelo jornal, esse público quereria ter a vivência esportiva das “trocas de farpas” entre as torcidas, com o linguajar próprio do futebol. Assim, o jornal segue, adequadamente, essa projeção de preferência e busca dialogar, de forma mais dinâmica, com seus leitores.

Fica claro, portanto, que a situação de comunicação impõe restrições às escolhas dos recursos da linguagem disponíveis para os sujeitos. Essas restrições são consideradas influências externas que produzem instruções no nível discursivo, em que é organizado o comportamento dos parceiros da troca, os papéis languageiros que devem assumir, as formas linguísticas que devem empregar – como as de que

trataremos nas duas seções abaixo: as formas de referência e as perífrases verbo-nominais.

A identificação e a qualificação sob a ótica da Linguística de Texto: a referência

Para não só “apreender no mundo fenomênico os seres materiais ou ideais, reais ou imaginários, conceitualizá-los e nomeá-los” como também para lhes atribuir “características que, a um só tempo, os discriminam, os especificam e motivam sua maneira de ser” (CHARAUDEAU, 2005, p. 14), o enunciador manipula diferentes categorias linguísticas – como os nomes, pronomes e artigos –, (re)significando, segundo seus propósitos discursivos, a realidade.

Tal pressuposto dialoga com as investigações propostas pela Linguística de Texto, as quais, desde o final dos anos 1990, evidenciam, sobre a teoria da referência, a dinâmica dos referentes em uma dimensão interativa. Mondada e Dubois (2003), então, propõem a substituição do termo “referência” por “referênciação”, visto que a relação entre as palavras e as coisas não estão numa relação biunívoca. Para as autoras, os referentes presentes em um texto são compreendidos como “objetos de discurso”, construídos no processo de interação.

Segundo Koch (2006), a discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem não faz referência a um simples processo de elaboração de informações, mas a um processo de (re)construção do próprio real. Os objetos de discurso (re)constroem-se no próprio processo de interação: “a realidade é construída, mantida e alterada não apenas pela forma como nomeamos o mundo, mas acima de tudo pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele” (KOCH, 2006, p. 4).

Desse modo, a interpretação dos referentes não se faz apenas por intermédio da expressão referencial ou do(s) elemento(s) linguístico(s) que, pontualmente, identifica(m) as anáforas. Por esse motivo, entende-se a referênciação como um processo e não apenas categorias operadas linguisticamente, tampouco restritas, de maneira pontual, ao termo ou à expressão que os materializa, como podemos observar no exemplo que se segue:

Fig. 2: Manchete publicada em 08 de maio de 2019.



O nome “maria-trafficante” aparece no sobretítulo da manchete, que trata da prisão da mulher do trafficante conhecido como 3N. Esse nome atua como uma anáfora prospectiva que já evidencia uma avaliação da mulher, objeto de discurso central da chamada. Assim como outras formações complexas com o nome “maria”, tal expressão nominal designa um apelido para mulheres que se envolvem com trafficantes e já ativa, na memória discursiva do interlocutor, uma imagem mental sobre o objeto de discurso, que será confirmada pelo sintagma nominal: “primeira-dama ostentação”.

A expressão “primeira-dama”, comum para referência a esposas de políticos, também se refere a “mulher de 3N”. É interessante notar que essa expressão aparece especificada pelo nome “ostentação”, como forma de comprovar o gosto da moça por riquezas, conteúdo reforçado também pela presença de imagens. Ambas as formas de recategorização da mulher apresentam uma orientação argumentativa ao caracterizá-la como interesseira e orientam a leitura para essa direção. Somente após essa caracterização, o objeto é retomado pela anáfora direta “mulher de 3N”.

As estratégias de referenciação consistem na introdução dos referentes no texto, passíveis de serem retomados por uma estratégia anafórica, que pode ser retrospectiva ou prospectiva. Quando há a correferencialidade, diz-se que se trata de uma anáfora direta (AD) e, quando não é possível identificar essa

relação correferencial, tem-se uma anáfora indireta. Há, ainda, um outro tipo de anáfora, que estaria entre esse *continuum* correferencialidade – não correferencialidade, as chamadas anáforas encapsuladoras. Essas anáforas possuem um papel de sumarizar/resumir porções do cotexto ao mesmo tempo em que podem atribuir um rótulo a essas porções, estabelecendo uma avaliação. Por essa razão, pressupõem inferências na sua interpretação, não sendo uma estratégia de correferencialidade como a anáfora direta (SANTOS; CAVALCANTE, 2014).

Um outro tipo de processo referencial que tem a função, por excelência, de engajar o coenunciador, chamando sua atenção, é o processo referencial dêitico. De modo diferente dos anafóricos, o processo dêitico define-se por sua capacidade de criar um vínculo entre o texto e a situação enunciativa em que se encontram os participantes da comunicação.

A dêixis (pessoal, espacial e temporal) depende do ponto de origem do enunciador e da sua localização no espaço e no tempo. A dêixis espacial e a temporal relacionam-se diretamente à pessoal, uma vez que marcam relações de aproximação/distanciamento (espaço) e momento (tempo) do enunciador no instante da enunciação. Como indica Fiorin (1996, p. 42, grifo do autor):

[...] todo espaço e todo tempo organizam-se em torno do “sujeito”, tomado como ponto de referência. Assim, espaço e tempo estão na dependência do *eu*, que neles se enuncia. O *aqui* é o espaço do *eu* e o presente é o tempo em que coincidem o momento do evento descrito e o ato de enunciação que o descreve.

Compreendemos, portanto, a dêixis como “um processo que requer o conhecimento de algumas coordenadas relacionadas ao contexto espaço-temporal, aos interlocutores e também aos conhecimentos compartilhados sociocognitivamente” (SANTOS; MORAIS, 2017, p. 52).

A ação sob a ótica do Funcionalismo: em destaque, as construções verbo-nominais

A fim de inscrever os objetos de discurso “em esquemas de ação conceitualizados que lhes conferem uma razão de ser, ao fazer [ou sofrer] alguma coisa”, transformando-os em “identidades narrativas” (CHARAUDEAU, 2005, p. 14), há

diferentes categorias verbais – dentre as quais, os verbos plenos (que, *de per si*, distribuem os papéis sintáticos e semânticos dos termos que a ele se subordinam, sendo, por isso, o núcleo da oração) e os verbos *suporte* (que se configuram pela articulação de um verbo leve a um elemento de base nominal). Estes, além de indicarem o tempo e o aspecto, dão suporte ao elemento nominal predicado, que possui carga semântica mais expressiva. Consistem, portanto, em uma perífrase verbo-nominal cujos elementos “se fundem semanticamente num novo predicado, compondo uma unidade sintática, semântica e funcional”, um novo núcleo predicativo responsável pela seleção de argumentos e pela atribuição de papéis temáticos (VIEIRA, 2014). A fim de ilustrar tal construção verbo-nominal, destacamos esta manchete:

Fig. 3: Manchete publicada em 24 de maio de 2019.



A sentença “PASSAGEIRA DÁ PONTO FINAL EM BANDIDA” estrutura-se com base em um verbo leve, de valor semântico tênue e/ou esvaziado, que se funde a um elemento nominal (neste caso, a expressão metafórica “ponto final”). Desse modo, o verbo “dá” não pode, nessa construção, ser concebido como um verbo pleno; paralelamente, o sintagma nominal não deve ser analisado como um mero complemento verbal (objeto direto). Logo, é a expressão “dar ponto final” que, como uma unidade significativa, atua como núcleo da

predicação: sintaticamente, projeta não só um argumento externo (sujeito), “passageira”, como também um argumento interno (objeto indireto), “em bandida”; semanticamente, dado o valor conotativo de sua base nominal, expressa a ação de “finalizar”, isto é, “derrotar seu adversário”.

O esvaziamento semântico dessas formas verbais pode, portanto, configurar uma expressão idiomática (ou cristalizada). A lexicalização de uma construção verbo-nominal ocorre por meio do congelamento semântico e formal do verbo e do nome que a constituem, apontando um novo sentido global. Salienta Viera (2014, p. 110):

O grau de congelamento semântico e a cristalização da expressão colaboram para que se torne uma nova unidade lexical [...], ou seja, para que passe pelo processo de lexicalização e, então, se torne um pareamento formanovosentidonovo no polo das unidades lexicais ou uma construção lexical. Afinal, uma expressão mais lexicalizada é a que revela idiomaticidade lexical, morfossintática, semântico-pragmática e de frequência.

Nessa perspectiva, a autora analisa as perífrases verbo-nominais, dentre outros critérios, segundo a possibilidade de: (i) substituição da construção por predicador simples, (ii) substituição do componente verbal ou do não verbal (nominal), (iii) inserção de outros elementos e (iv) anteposição do componente não verbal, categorizando-as como expressões não lexicalizadas, semilexicalizadas e lexicalizadas/idiomáticas.

Fig. 4: Manchete publicada em 23 de abril de 2019.



A título de exemplificação, destacamos a manchete ao lado, em que a expressão “dá bolo”, equivalendo a “furar”, “não

comparecer”, “omitir-se”, “deixar de ir”, (i) dificilmente, teria, como um sinônimo próximo, um verbo pleno, (ii) não licenciaria a substituição de seus constituintes, o que, se ocorresse, implicaria a construção de outras relações metafóricas, como em “dar o cano”, bem como não (iv) permitiria a anteposição da base nominal ao verbo. Logo, não obstante (iii) a possibilidade de inserção de modificadores do verbo (como em “dá sempre bolo”) ou do nome (“dá o maior bolo”), a perífrase em análise poderia ser classificada como uma expressão idiomática. Propõem-se, dessa forma, um *continuum* tipológico de gramaticalização-lexicalização referente à categorização das expressões verbais que se fundem a bases nominais.

Mas, do ponto de vista pragmático-discursivo, se já existem, no sistema da língua, verbos plenos com sentido próximo àqueles expressos pelos verbos suporte, por que o falante opta pelo emprego do verbo-suporte? Ampliando a interrogação de Chishman e Abreu (2014), questionamos, sob a perspectiva da Análise Semiolinguística do Discurso: se todo texto é dotado de intencionalidade, de que maneira a utilização de verbos suporte (metafórico ou não, lexicalizado ou não) pode representar uma estratégia para que se atinjam os propósitos discursivos do jornal que analisamos? As possíveis respostas a essa pergunta são apontadas pelos próprios funcionalistas, que destacam estes quatro principais efeitos semântico-discursivos: (i) não só indicar intensificação ou qualificação do nome como também apontar afetividade, brevidade da ação ou atenuação da carga semântica – como em “dar umas risadinhas irônicas” (em vez de “rir”); (ii) operar modalização discursiva (objetividade X subjetividade); (iii) apontar diferentes graus de formalidade – como em “dar uma surra” (mais informal) e não “surrar” (mais formal); (iv) oferecer precisão semântica, como, por exemplo, na comparação entre “tomar conhecimento” e “conhecer”.

Portanto, o uso de construções com verbos suporte, em detrimento de um verbo pleno, permite enfatizar a ação, visto que esta não só é (pelo uso de perífrase verbo-nominal) expressa por uma forma de maior massa fônica como também se torna (pelo uso de elementos de base nominal) menos abstrata. Paralelamente, tais predicados complexos possuem um forte componente discursivo e pragmático, atrelado a diferentes intenções comunicativas – como, nas duas manchetes acima,

a construção de jogos de palavras referentes à caracterização dos actantes da narrativa e da própria temática apresentada.

Análise das manchetes populares

As manchetes desta pesquisa foram selecionadas de acordo com os seguintes critérios: textos que estejam dentre as principais manchetes de capa e que se estruturam por meio de recursos verbovisuais de grande potencialidade de captação. Cumpre destacar que, embora se considere a importância de elementos imagéticos, estes não foram analisados neste trabalho. Detalhes mais expressivos foram comentados em nossas análises de modo superficial, visto que a imagem não foi tomada como objeto de investigação.

O *corpus* foi agrupado segundo estes três temas: político, policial e esportivo. A fim de sistematizarmos sua apreciação crítica, destacamos as seguintes etapas de análise para cada uma das manchetes: (i) identificação e interpretação das formas de referência, sob aspectos textuais e cognitivos; (ii) investigação do uso de predicados complexos na construção de objetos de discurso e seus efeitos semântico-discursivos; (iii) interpretação da construção do humor como crítica social e sua categorização.

Análise da 1ª Manchete:

Fig. 5: Manchete publicada em 22 de março de 2019.



Por meio da imagem dos dois ex-presidentes e a inscrição “ninguém solta a mão de ninguém”, que viralizou após a eleição de Bolsonaro, a capa já atrai atenção do interlocutor. Essa frase ficou famosa nas redes sociais como lema de um movimento de resistência e de oposição ao novo presidente. Nessa manchete, o emprego de tal frase pode sugerir ironia, tendo em vista a figura de políticos condenados de mãos dadas.

Além disso, em relação aos elementos verbais que importam para essa análise, destacamos o subtítulo da manchete: “nós que aqui estamos por vós esperamos”. Essa frase remete a uma inscrição em um cemitério no interior de São Paulo e também a um título de um documentário que, assim como a inscrição, também entrelaça vida e morte. A leitura dessa frase, em conjunto com a imagem, sugere, portanto, uma associação entre a prisão e a morte.

Chama a atenção, também, nessa inscrição, o uso das formas dêiticas de pessoa e de lugar. Tradicionalmente, para a definição de dêixis, considera-se a *origo*, a perspectiva do falante, para determinar coordenadas de pessoa, tempo e espaço – uso de pronomes demonstrativos “este/aquele”, pessoais “eu/tu”, advérbios “aqui/aí/lá”, por exemplo. No entanto, nesse caso, o referente dêítico não está atrelado ao jornal ou à instância midiática. O pronome pessoal “nós”, presente na frase, não inclui o enunciador e cria, dentro do discurso, dois grupos de referentes: a referência ao ex-presidente Lula, que já se encontrava preso, e a referência ao ex-presidente Temer, cuja prisão havia sido decretada recentemente. Essa leitura auxilia, inclusive, no entendimento do advérbio “aqui”, que faz referência à prisão. O efeito discursivo do emprego desses pronomes acarreta a transferência da *origo*, isto é, a perspectiva da enunciação, para o ex-presidente Lula, já preso, como se os demais políticos presos pela operação Lava-Jato fossem os responsáveis por essa fala.

Maalej (2013) afirma que a dêixis desempenha um papel pragmático na interação social no discurso. Para o autor, os pronomes, por se referirem a pessoas e a grupos, implicam relações de poder, além de uma dimensão discursiva, e podem operar como um meio de construção do outro. O “nós” constrói duas relações sociais diferentes, de inclusão e exclusão, pois, à medida que se define um conjunto como “nós”, surge, automaticamente, uma categoria de excluídos desse grupo.

Portanto, os pronomes devem sempre ser entendidos tendo em vista outros pressupostos a respeito de quem está sendo definido como o “nós” e, no caso da capa acima, entender também o uso do “vós”. Nesse exemplo, a forma pronominal “vós” faz referência aos que, em breve, serão condenados e presos por conta de atos de corrupção, assim como os que já estão presos, ou seja, as pessoas do discurso englobadas pelo pronome pessoal “nós”.

Em relação às expressões nominais, o uso do sintagma nominal “dois ex-presidentes” ativa, na memória do leitor, o cargo que Lula e Temer ocuparam na administração pública, reforçando a importância das prisões, como também acontece com o uso de “ex-governador” para se referir a Moreira Franco. A anáfora indireta “grades”, em “ex-presidentes atrás das grades”, reforça a continuidade do foco na prisão dos políticos.

Os três, ao final, foram todos sintetizados pelo encapsulador “grupo”, que não deixa de ser um uso interessante, visto que coloca três políticos de partidos de ideologias distintas – Temer e Moreira Franco do PMDB, partido de direita, e Lula, representante do PT, partido de centro-esquerda – em uma mesma categoria, que teria se locupletado com dinheiro público. Todas as formas de referência empregadas estão interligadas e diretamente associadas à intencionalidade da manchete, pautando o tratamento do tema com tom irônico.

Além das formas de referência e demais pistas textuais associadas à ideia da prisão, há o sintagma verbal “botou o ex-governador na tranca”. De acordo com Vieira (2014), podemos entender essa perífrase (“botar x na tranca”), em que se observa a integração entre verbo e o sintagma preposicionado, como uma construção de predicação rotinizada.

Por essa razão, o sentido desse verbo não é interpretado isoladamente, mas em conjunto com os demais elementos presentes no predicado. Essa escolha sintática, em vez da utilização de um verbo pleno como “prende”, por exemplo, pode ser entendida como uma decisão mais acertada tendo em vista os propósitos do sujeito comunicante, visto que também contribui para a progressão textual e para a manutenção do foco discursivo – já instaurado pelas estratégias de referência – na memória do interpretante. Por meio, principalmente, da escolha do verbo “botar”, a manchete destaca a operação “Lava-

jato” e, indiretamente, os executores da operação, pelo uso da voz ativa, já que se valoriza quem pratica a ação.

O uso de “botar na tranca” auxilia, ainda, no tratamento de um tema tão sério com leveza e humor, traços característicos dessas manchetes populares. O nome “tranca” reforça a interpretação de “aqui” como prisão e, por conseguinte, a imagem de presidiários. Podemos dizer, portanto, que a escolha da forma verbal complexa promove um jogo de palavras que se associa às formas nominais para obtenção dos efeitos de sentido desejados pelo sujeito comunicante.

Tendo em vista o que diz Charaudeau (2011) sobre os tipos de humor, nessa manchete, o efeito de humor é veiculado pelo emprego de um discurso irônico, em que se estabelece uma visão deslocada do mundo social. Não é esperado que políticos, principalmente os ocupantes de altos cargos na administração pública, estejam envolvidos em atos de corrupção. Ao mesmo tempo em que o sujeito interpretante (re)constrói os sentidos da manchete tendo em vista esse tom bem-humorado, há uma crítica implícita à situação que não deveria acontecer em um sistema político e social ideal.

Análise da 2ª manchete:

Fig. 6: Manchete publicada em 16 de abril de 2019.



Nessa manchete, o sobretítulo “piada pronta” antecipa o conteúdo do título, rotulando-o como “piada”. Assim, já instaura, no discurso, o humor que se pretende atrelar à notícia. De acordo com Koch e Elias (2016), além de sintetizar o conteúdo da manchete, esse sintagma nominal produz uma avaliação do que será dito, fornecendo uma imagem mental ao sujeito interpretante sobre o enunciado que será lido.

Nessa direção, o título “Bumbum vai entrar na vara” busca captar o leitor, por meio da possibilidade de duas leituras diferentes, que trazem humor ao texto: uma leitura metafórica, de conotação sexual; outra, denotativa, que indica a ação de se dirigir ao fórum de justiça, que pode ser confirmada pelo conteúdo do lide.

Como já dissemos, a referenciação pode tender para marcar uma relação fortemente estável entre os referentes no mundo e os objetos de discurso ou pender para indicar uma relação instável, provisória. Nesse sentido, é interessante retomar um dos pressupostos básicos do conceito de referenciação, que é a noção de estabilidade e instabilidade referencial, propostas por Mondada e Dubois (2003). O título da manchete, para instaurar a dupla possibilidade de leitura, ancora-se na instabilidade dos referentes.

Um dos elementos que atua nessa instabilidade é o nome “bumbum”, que pode se referir tanto a uma parte do corpo humano quanto ao apelido do médico investigado, Dr. Bumbum, famoso por realizar procedimentos estéticos na região dos glúteos. Esse exemplo consiste em uma estratégia de anáfora direta, pois esse sintagma será retomado, em uma relação correferencial, pelo nome “médico”, presente no título. Assim, o nome “bumbum”, ao configurar-se como uma anáfora direta prospectiva (aponta para frente), antecipa o referente e colabora com a introdução referencial, cujo objetivo é justamente promover uma ambiguidade referencial para angariar novos efeitos de sentido, essenciais para o projeto de dizer de quem enuncia.

Soma-se a essa estratégia de introdução referencial a foto do médico estampada na manchete. Por sua vez, o substantivo “médico” estabiliza o referente, recategorizando-o. Esse nome desfaz, então, a duplicidade de sentidos, sinalizando a leitura que deve prevalecer para que seja construída a coerência da manchete.

Outro elemento que concorre para formalizar a estratégia do duplo sentido intencionada pelo jornalista é o uso da expressão “entrar na vara”. Embora não haja uma perda semântica significativa do verbo nessa construção, não podemos analisá-la sem ter em vista sua relação com as demais expressões contextuais e, em especial, com o sintagma preposicionado. Desse modo, podemos entendê-la, assim

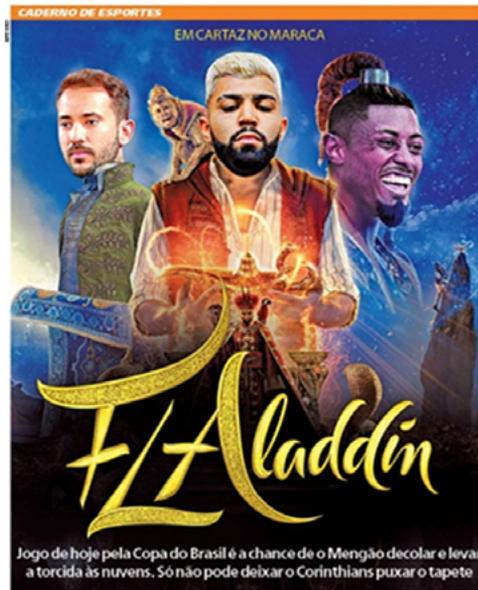
como no exemplo anterior, como uma estrutura com verbo semissuporte.

Os sentidos pretendidos pelo sujeito comunicante são alcançados tendo em vista o verbo “entrar” somado ao elemento preposicionado “na vara”. Tal estrutura sintática é parte importante para o efeito de humor, de modo que “entrar na vara”, em uma primeira leitura, ativa o sentido sexual bastante associado a essa construção. As demais pistas textuais, no entanto, como “tribunal” e a forma verbal “interrogado”, vão homologar o sentido denotativo de dirigir-se a uma jurisdição, um juízo. A anáfora indireta “tribunal”, por exemplo, aparece no texto como uma informação já conhecida do leitor, embora seja um referente novo que auxilia na estabilização do sentido denotativo da manchete, pois também atua construindo o esquema mental de uma repartição jurídica. De modo semelhante ao que ocorre nas outras manchetes, expressões nominais e verbais engendram um jogo vocabular responsável por veicular os efeitos de sentido pretendidos pelo jornalista, no caso dessa manchete, o de humor atrelado a expressões chulas de cunho sexual.

Nessa capa, os nomes e a forma verbal constroem um jogo semântico que resulta no efeito de humor da capa. De acordo com Charaudeau (2011), esse tipo de humor consiste em aproveitar a polissemia vocabular que permite construir diversos níveis de leitura em torno de palavras com duplo sentido, como ocorre com a palavra “bumbum” e “vara”, por exemplo. Para o autor, o que também caracteriza esse tipo de humor é não haver um julgamento de valor. No entanto, na manchete acima, não podemos dizer que não haja nenhum tipo de julgamento, já que se verifica a possibilidade de a expressão “entrar na vara”, para além do risível, sugerir uma punição, uma vez que o médico será investigado por uma morte.

Análise da 3ª manchete:

Fig. 7: Manchete publicada em 04 de junho de 2019.



Inicialmente, no título da manchete, introduz-se o time de futebol do Flamengo, categorizando-o como “Flaladdin”. Tal expressão referencial é construída pela fusão dos substantivos “Fla”, abreviação do nome do time carioca, e “Aladdin”, protagonista do conto árabe adaptado em filmes da Disney. Nesse processo de formação, as duas palavras-base (*inputs*), compartilhando um mesmo segmento fonológico, fundem-se, dando origem a uma nova expressão. Trata-se, pois, de um *cruzamento vocabular* ou *blend lexical*: no ponto de quebra entre os dois nomes próprios, ocorre, a partir da crase da vogal [a], a mescla das formas de base e, conseqüentemente, a formação de um novo conceito unificado (GONÇALVES, 2003).

Desse modo, essa forma nominal de referência articula-se, numa relação de complementariedade, à parcela imagética da manchete. Em uma recriação do cartaz do filme *Aladdin*, atribuem-se aos jogadores flamenguistas trajes e objetos que os aproximam dos personagens da obra cinematográfica: no centro, o protagonista Gabriel Barbosa, o Gabigol, o camisa 9, em companhia do seu amigo macaco Abu e vestido com roupas mais simples, tal como aquelas usadas pelo personagem-título, segura a lâmpada mágica, para a qual volta, com seriedade, seu olhar; à direita, o também atacante

Bruno Henrique, cuja pele negra e sorriso largo o aproximam do Gênio; e, à esquerda, substituindo a personagem feminina Jasmine, o meia Everton Ribeiro – disposição gráfica que reflete a posição dos três jogadores em campo. Paralelamente, destaca-se a significativa semelhança do grafismo das letras que compõem o título do filme e da manchete.

Embora o foco de nossa análise não seja a exploração das imagens constituintes da manchete, cumpre salientar que esses recursos visuais, ancorados e articulados à expressão “Flaladdin”, além de realizarem, como formas de *identificação*, a introdução referencial, operam, simultaneamente, como uma forma de *qualificação*: a aproximação entre os personagens da Disney e os jogadores que, metonimicamente, representam o Flamengo instaura uma comparação implícita, por meio da qual se atribuem novos traços ao time carioca.

Mas, se nessa justaposição de proposições imagéticas e de vocábulos-base, há a interseção de apenas alguns traços comuns, quais seriam aqueles evocados na manchete em análise? A partir desse questionamento, recorreremos à Teoria dos Espaços Mentais e, a partir dela, à compreensão do processo de *mesclagem conceitual* (FAUCONNIER; TURNER, 1994). Partindo do pressuposto de que os espaços mentais consistem em domínios cognitivos de natureza semântico-pragmática, postula-se que, pelo uso de expressões linguísticas e imagéticas, ativam-se relações referenciais, as quais podem emergir, a partir de um espaço genérico, pela mescla de dois ou mais espaços (*inputs*) – tal como buscamos representar no esquema que se segue:

Fig. 8: Mesclagem conceitual “Flaladdin”.



Por meio dessa sistematização, verificamos o caráter simbólico atribuído à montagem fotográfica e ao cruzamento vocabular. Se ao protagonista Aladdin cabe, com suas habilidades e com a ajuda do gênio da lâmpada, transpor as armadilhas arquitetadas pelo feiticeiro e conselheiro do sultão, alçando o amor da princesa Jasmine, ao time do Flamengo cabe, a partir de seu habilidoso elenco, superar a força do desafiador time paulista (o segundo maior campeão nacional e vencedor de três Copas do Brasil, tendo eliminado o Flamengo na última edição do referido torneio), a fim de avançar no campeonato nacional e manter-se como “o mais amado do Brasil”. Há, pois, uma (re)categorização positiva do Flamengo, em que se destaca sua potencialidade – como evidencia a anáfora direta, o epíteto “o Mengão”, presente no subtítulo.

Quanto às formas verbais empregadas no subtítulo, observamos, em primeiro lugar, aquelas que projetam, como sujeito gramatical, o sintagma nominal “o Mengão”: (1) “decolar” e (2) “levar [a torcida] às nuvens”. Arelada à mesclagem conceitual “Flaladdin”, a primeira, um verbo pleno metafórico, equivalente a “avançar” ou “progredir”, pode remeter ao tapete mágico com o qual Aladdin voou em suas aventuras e, dessa maneira, reforçar, por aproximação associativa, as habilidades do time carioca. Paralelamente, a segunda forma verbal, uma expressão semilexicalizada, pode, como forma denotativa, fazer referência a uma das cenas mais emblemáticas do filme – o encontro romântico do personagem-título sobre as nuvens – e, como forma conotativa, sugerir que a vitória do time rubro-negro implicaria o júbilo de sua torcida. Em segundo lugar, a expressão verbal a que se subordina a nomeação do time adversário consiste em uma expressão cristalizada metafórica, uma vez que “puxar o tapete”, tal como “passar a perna” ou “dar uma rasteira”, pode representar uma ação danosa sobre outrem. Logo, tais formas verbais – as duas primeiras consubstanciando a metáfora conceptual orientacional “FELIZ É PARA CIMA”, e a terceira concretizando “TRISTE É PARA BAIXO” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 22) – cooperam para manutenção da (re) categorização cognitiva do Flamengo como hábil e heroico. Por meio desses elementos verbovisuais, a representação do time rubro-negro e, por conseguinte, da partida que se anuncia são veiculadas, em uma mescla conceitual, como um espetáculo – como evidencia o sobretítulo “em cartaz no Maracá”.

Nesse jogo-enunciativo, o humor presente na manchete deve ser construído pelo sujeito interpretante a partir do acionamento, em sua memória cognitiva, da própria obra cinematográfica, de seu enredo e da caracterização de seus personagens centrais – *inputs* a partir dos quais poderá “calcular a relação entre o que é dito explicitamente e a intenção que esse implícito acoberta” (CHARAUDEAU, 2011). Pela semelhança com o cartaz da película *Aladdin* e pela substituição e inserção de elementos verbovisuais referentes ao Flamengo, a manchete instaura uma paródia, uma imitação/ressignificação do texto-base, a qual visa ao humor. Segundo Charaudeau (2011), essa categoria de humor “faz coexistir os dois textos que se alimentam reciprocamente: o texto original permanece como referência, o texto paródico encontra naquele o seu fundamento”. Assim, por meio da imitação-transformação, a partida de futebol e o time carioca ganham *status* de arte, tal como a obra cinematográfica e seus personagens.

Considerações Finais

Tendo em vista que o discurso jornalístico visa à captação do público-leitor, exploramos, neste artigo, alguns procedimentos linguísticos que concorrem para construção do humor em manchetes populares, não focalizando, no entanto, os procedimentos enunciativos. Em nossa análise, observamos que os mesmos recursos linguísticos, como jogos de palavras, por exemplo, podem consubstanciar diferentes formas de humor, como ironia, jogo semântico e paródia. Mais especificamente, constatamos que as perífrases verbo-nominais reforçam a imagem do objeto de discurso pretendida pelo sujeito comunicante e, nesse sentido, suas bases nominais (como “levar às nuvens”) poderiam ser consideradas como formas de manutenção dos objetos de discurso aos quais as perífrases se referem. Se, de um lado, as formas de referenciação abrem uma imagem mental na memória discursiva do sujeito interpretante, de outro, as formas verbais corroboram essa imagem instaurada, ampliando sua categorização.

Consoante à vocação dos estudos semiolinguísticos, a análise interdisciplinar que propusemos recusou a hierarquização entre teorias e, assim, pôde oferecer (acreditamos) uma compreensão mais ampla acerca da relação

entre os processos de *identificação, qualificação e ação* na visada de humor; afinal, “pretender uma tal superioridade seria uma questão de poder e não de cientificidade. Se os modelos se tornam dominantes a ponto de ocultar os demais, é a ciência que perde.” (CHARAUDEAU, 1996, p. 05).

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, P. Para uma nova análise do discurso. CARNEIRO, A. D. (org.). *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996. p. 5-43.

_____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-29.

_____. *Discurso das mídias*. Tradução: Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Coord. da equipe de tradução: Ângela M. S. Corrêa e Ida. L. Machado. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. Des catégories pour l'humour. Précisions, rectifications, compléments. VIVERO, M. D. (dir.). *Humour et crises sociales: regards croisés France-Espagne*. Paris: L'Harmattan, p. 09-43, 2011.

CHISHMAN, R. L. de O.; ABREU, D. T. B. Construções com verbo suporte: propriedades gramaticais e discursivas. *Revista Linha d'Água*, v. 27, n. 1, 2014.

FAUCONNIER, G.; TUNNER, M. *Conceptual projection and middle spaces*. Report 9401- Department of Cognitive Science University of California, San Diego La Jolla, California, 1994.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

GONÇALVES, C. A. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *VEREDAS - Rev. Est. Ling*, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p.149-167, jan./dez., 2003.

KOCH, I. V. *Argumentação e linguagem*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

LAKOFF, G.; M. JOHNSON. *Metáforas da vida cotidiana*. Coord. da equipe de tradução: Maria S. Zanotto. Campinas/São Paulo: EDUC/Mercado de Letras, 2002.

MAALEJ, Z. A. Framing and manipulation of person deixis in Hosni Mubarak's last three speeches: a cognitive-pragmatic approach. *Pragmatics*, v. 23, n. 4, p. 633-659, 2013.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, p. 17-52, 2003.

SANTOS, L. W.; CAVALCANTE, M. M. Referenciação: continuum anáfora-dêixis. *Intersecções*, Jundiaí, v. 12, n. 1, p. 224-246, maio/2014.

SANTOS, L. W.; MORAIS, M. A. Dêixis pessoal e temporal: aspectos sociointeracionais e sociodiscursivos. *Revista Investigações*, v. 30, v., n. 2, p. 38-64, jul./dez. 2017.

VIEIRA, M. S. M. Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português. *Revista Soletras*. Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ, n. 28, p. 109-125, jul./dez., 2014.

Abstract

Identifying/qualifying and action mechanisms in the humor construction

The purpose of this article is to describe, in headlines of the popular newspaper Meia Hora, effects of sense generated by the connection between referential and verbal forms. On one hand, studies of Text Linguistics conceive reference as the process of interpretation and of (re)categorization of reality. On the other hand, researches in Functional Linguistics demonstrate that, unlike full verbs – such as “baleiar” – there are those that merge to a nominal, forming supporting verbs – such as “meter muito tiro” – or idiomatic expressions – like “largar o dedo”. Although such theoretical postulations have represented advances in the description of linguistic-textual phenomena, there has been little discussion about the relation between identification, qualification and action. In this sense, under the theory of Semiolinguistic Discourse Analysis, this work will demonstrate how, in popular headlines, verbal expressions and verb-nominal periphrases work together in the construction of word games and in the characterization of discursive objects, consisting of linguistic procedures that can cause humor.

Keywords: *referentation, verb-nominal periphrases, humor, Semiolinguistic.*